

ENVELHECIMENTO E RESISTÊNCIA EM FAVELAS: NARRATIVAS DE IDOSOS NO JACAREZINHO E NO MORRO DA PROVIDÊNCIA, RIO DE JANEIRO – BRASIL

AGING AND RESISTANCE IN FAVELAS: NARRATIVES OF OLDER ADULTS IN
JACAREZINHO AND MORRO DA PROVIDÊNCIA, RIO DE JANEIRO – BRAZIL



ENVEJECIMIENTO Y RESISTENCIA EN FAVELAS: NARRATIVAS DE ADULTOS
MAYORES EN JACAREZINHO Y MORRO DA PROVIDÊNCIA, RIO DE JANEIRO
- BRASIL

// RESUMO

Este estudo investiga as percepções de idosos sobre o envelhecimento em duas favelas do Rio de Janeiro - Morro da Providência, na região central, e Jacarezinho, na Zona Norte - a partir de suas memórias e narrativas. Por meio de uma abordagem qualitativa, baseada em observações, diários de campo e entrevistas semiestruturadas, analisaram-se trajetórias de vida, relações com o território e os desafios do envelhecimento nesses contextos. Os participantes foram selecionados por amostragem não probabilística (bola de neve), até a saturação dos dados. As narrativas revelam transformações históricas nessas localidades e um forte vínculo afetivo e simbólico com a favela, destacando o papel dos idosos na preservação da memória coletiva. Os resultados indicam que o envelhecimento nesses territórios é marcado por condições físicas e sociais específicas, com acessibilidade e mobilidade surgindo como fatores cruciais para a autonomia. Obstáculos como escadas íngremes, ruas irregulares, vielas estreitas e transporte precário limitam a locomoção, restringindo o acesso a serviços e a participação comunitária. O estudo aponta para a urgência de políticas públicas que promovam inclusão e acessibilidade, garantindo um envelhecimento digno. Além disso, reforça a importância de reconhecer as favelas como espaços de pertencimento e resistência, onde os idosos exercem um papel fundamental na construção e preservação da identidade local.

Palavras-chave: favela; envelhecimento no lugar; idosos; espaço vivido; mobilidade cotidiana.

AUTOR

¹ Fernando Henrique Ferreira de Oliveira 
¹ César Augusto Marques da Silva 

FILIAÇÃO INSTITUCIONAL

¹ ESCOLA NACIONAL DE CIÊNCIAS ESTATÍSTICAS

E-MAIL

fer_henrique15@hotmail.com
cesar.m.silva@ibge.gov.br

DATA DE SUBMISSÃO: 25/04/25

DATA DE APROVAÇÃO: 07/05/26

DOI: 10.12957/GEOUERJ.2026.91436



E-ISSN 1981-9021

ESTE É UM ARTIGO DE ACESSO ABERTO
DISTRIBUÍDO SOB OS TERMOS DA LICENÇA
CREATIVECOMMONS BY-NC-SA 4.0, QUE
PERMITE USO, DISTRIBUIÇÃO E REPRODUÇÃO
PARA FINS NÃO COMERCIAIS, COM A CITAÇÃO
DOS AUTORES E DA FONTE ORIGINAL E SOB
A MESMA LICENÇA.

// ABSTRACT

This study explores elderly residents' perceptions of aging in two favelas (informal settlements) in Rio de Janeiro - Morro da Providência, located in the central region, and Jacarezinho, in the city's North Zone - based on their memories and narratives. Using a qualitative approach, the research relied on observations, field diaries, and semi-structured interviews addressing life trajectories, aging, and their relationship with the favela. Participants were selected through non-probabilistic snowball sampling until data saturation was achieved. The interviewees' accounts reveal significant historical transformations in these areas and a deep affective and symbolic connection to the favela, highlighting the role of the elderly in preserving collective memory. Findings indicate that aging in these territories is shaped by distinct physical and social conditions, with accessibility and mobility emerging as critical factors for autonomy. Urban obstacles—such as steep staircases, uneven streets, narrow alleyways, and limited transportation—hinder mobility, restricting access to essential services and community participation. The study underscores the need for public policies that promote accessibility and inclusion, ensuring dignified and healthy aging for residents. Furthermore, it emphasizes the importance of recognizing favelas as spaces of memory, belonging, and resistance, where the elderly play a vital role in sustaining local history and community identity.

Keywords: favela; aging in place; older adults; lived space; everyday mobility.

// RESUMEN

Este estudio analiza las percepciones sobre el envejecimiento de adultos mayores residentes en dos favelas de Río de Janeiro - Morro da Providência (región central) y Jacarezinho (Zona Norte) - a partir de sus memorias y experiencias vividas. Desde un enfoque cualitativo, se realizaron observaciones etnográficas, registros en diarios de campo y entrevistas semiestructuradas centradas en trayectorias de vida, vejez y vínculos con el territorio. Los participantes fueron seleccionados mediante muestreo no probabilístico "en bola de nieve" hasta alcanzar saturación de datos. Las narrativas revelan transformaciones históricas profundas en estos territorios, así como un arraigo afectivo y simbólico de los ancianos, quienes actúan como guardianes de la memoria colectiva. Los hallazgos destacan que el envejecimiento en estos contextos está marcado por condiciones socioespaciales específicas, donde la accesibilidad limitada —escaleras empinadas, calles irregulares, pasajes estrechos y transporte público deficiente— restringe la movilidad, la autonomía y el acceso a servicios básicos. La investigación subraya la urgencia de políticas urbanas inclusivas que garanticen un envejecimiento digno en las favelas. Además, propone reconocer estos espacios no solo como áreas marginadas, sino como territorios de resistencia, pertenencia y preservación cultural, donde los adultos mayores desempeñan un rol clave en la construcción de identidades comunitarias.

Palabra Clave: favela; envejecimiento en el lugar; adultos mayores; espacio vivido; movilidad cotidiana.

INTRODUÇÃO

O envelhecimento é um processo social e territorialmente situado, marcado por desigualdades que se acumulam e se atualizam ao longo da vida. No Brasil, viver e envelhecer são experiências profundamente atravessadas por estruturas históricas de exclusão - como o racismo, o patriarcado, a LGBTQIA+fobia e as desigualdades de classe - que atuam de forma interdependente, especialmente sobre os sujeitos que habitam territórios periféricos. Nessas realidades, envelhecer pode ser mais do que um desafio: pode representar um privilégio, diante da negação de direitos e da redução das expectativas de vida impostas por um sistema desigual (Campelo e Paiva, 2014).

Compreender essas experiências requer uma perspectiva geográfica e relacional do envelhecimento, que reconheça a indissociabilidade entre sujeito e espaço. O território, nesse contexto, não pode ser visto apenas como cenário, mas como agente ativo na produção da velhice: abriga memórias, impõe limites e possibilita estratégias. Como afirma Massey (2008), o espaço é sempre resultado de relações sociais - está em constante movimento, moldado pelas interações cotidianas. Assim, o envelhecimento ultrapassa o corpo biológico e se inscreve nos caminhos percorridos, nos lugares habitados, nas redes de apoio construídas e nos enfrentamentos cotidianos diante das ausências do Estado.

Nesse cenário, a análise do envelhecimento no Brasil exige atenção às múltiplas dimensões das desigualdades, especialmente em seus cruzamentos entre o social e o espacial. Nos territórios populares, como as favelas, essas desigualdades se intensificam e assumem formas específicas. A menor presença de idosos nesses espaços não se explica apenas por dinâmicas demográficas, mas reflete a ação de violências estruturais que limitam a longevidade e precarizam a experiência de envelhecer (Silva, 2019). Ao mesmo tempo, esses territórios também são espaços de construção de vínculos, de produção de memórias e de resistência cotidiana frente à precariedade.

A Geografia, sobretudo em sua vertente crítica e social, oferece contribuições fundamentais para compreender a relação entre sujeito e espaço nesses contextos, ao evidenciar como o território organiza o cotidiano, molda os deslocamentos e estrutura a reprodução da vida (Souza, 1995). Apesar dos avanços nos estudos sobre envelhecimento, persistem lacunas importantes na análise das experiências de pessoas idosas em favelas, especialmente sob perspectivas que integrem a dimensão espacial com marcadores sociais da diferença e valorizem a agência dos sujeitos.

É nesse horizonte que se insere o presente artigo, cujo objetivo é investigar as experiências de envelhecimento em duas favelas cariocas - o Jacarezinho e o Morro da Providência - por meio de uma leitura interseccional e socioespacial. A pesquisa é guiada pela seguinte questão: de que forma o envelhecimento é vivenciado por pessoas idosas que vivem em favelas, considerando as barreiras urbanas, os vínculos afetivos com o território e as estratégias cotidianas de permanência e circulação nesses espaços?

Com base em uma abordagem qualitativa, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, observações de campo e registros em diário de campo. Os objetivos específicos da pesquisa foram: (1) compreender as vivências espaciais dos idosos em seus territórios; (2) identificar as estratégias cotidianas diante das barreiras físicas, institucionais e simbólicas; e (3) analisar os sentidos de pertencimento produzidos ao longo das trajetórias de vida.

Ao enfatizar a articulação entre espaço, memória e vivências, este estudo busca contribuir para os debates sobre o envelhecimento urbano nas periferias, inserindo essa discussão no campo da Geografia como expressão situada de sujeitos, práticas e formas de resistência. Propõe-se, assim, um olhar atento às múltiplas maneiras pelas quais pessoas idosas, em territórios historicamente estigmatizados, constroem estratégias territoriais de resistência e reafirmam suas formas de viver e envelhecer.

A memória, compreendida como o trabalho de lembrar um passado vivido, é aqui tomada como recurso central para compreender as histórias de envelhecimento e permanência nas favelas. Segundo Halbwachs (1998 [1925]), trata-se de um fenômeno social sustentado pelos quadros sociais da memória - referências de tempo, espaço, pessoas e objetos que ancoram e

dão sentido às lembranças. O lugar e os vínculos afetivos tornam-se, assim, suportes fundamentais na construção das narrativas, pois permitem aos idosos evocar experiências e reconstruir o passado à luz do presente. Em *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, Bosi (1994) mostra que, na velhice, lembrar é também um ato de resistência e de reconstrução identitária, por meio do qual o sujeito reafirma sua existência e seu pertencimento ao território.

Para aprofundar essa discussão, o artigo está estruturado em introdução, três seções principais, discussão e conclusão. As seções abordam, respectivamente: (1) o contexto das favelas e comunidades urbanas no Brasil; (2) a percepção dos idosos sobre o território e suas estratégias cotidianas; e (3) a apresentação dos sujeitos da pesquisa, articulada a uma descrição detalhada dos espaços físicos registrados durante o trabalho de campo. Na discussão, os relatos são analisados à luz de quatro eixos temáticos - mobilidade, memória, interseccionalidade (gênero, raça e classe) e redes de apoio. Essa estrutura permite explorar tanto as limitações materiais quanto as formas de resistência e ressignificação do espaço, oferecendo um panorama abrangente do envelhecer em favelas.

Mais do que documentar experiências, este artigo busca evidenciar como o envelhecimento em territórios populares tensiona noções normativas de velhice, territorialidade e cuidado, ampliando as possibilidades analíticas da Geografia ao incorporar sujeitos historicamente silenciados.

FAVELAS E COMUNIDADES URBANAS: DIVERSIDADE TERRITORIAL E POPULACIONAL

As favelas e comunidades urbanas brasileiras, conforme revelado pelo Censo Demográfico de 2022, expressam uma marcada diversidade territorial e populacional. Esses territórios estão em constante transformação, marcados por ciclos de construção, expansão e, em muitos casos, remoção e reconstrução de moradias. Tais dinâmicas exigem que os moradores desenvolvam formas próprias de organização habitacional frente aos desafios impostos pela urbanização desigual.

Neste sentido, vale afirmar que a representação oficial para a produção estatística sobre os territórios teve o eixo central alterado, de “aglomerados subnormais” para favelas e comunidades urbanas. Considera-se que a favela, embora carregue trajetória de estigmatização, associada à precariedade e à marginalidade, venha sendo ressignificada como espaço de potência e afirmação, criatividade e luta pelo direito à cidade; com uso mais recorrente e reconhecido na região Sudeste. Já a expressão comunidades urbanas, difundida em setores acadêmicos e sociais, é muitas vezes vista como um eufemismo, por suavizar ou ocultar a realidade das favelas e por não afirmar de forma explícita sua existência. Por outro lado, o termo comunidade, em sua acepção sociológica, remete a vínculos de sociabilidade, resistência e identidade coletiva, sendo adotado em diversas regiões do Brasil. Assim, enquanto “favela” mantém forte carga simbólica, marcada pela luta contra estigmas e pelo reconhecimento político, “comunidades urbanas” busca conferir maior abrangência e representatividade, aproximando-se do modo como esses territórios são nomeados e reconhecidos pelos próprios habitantes em diferentes contextos regionais (Giannella; Soares; Franco, 2024). Deste modo, seguiremos com a acepção favela para designar os aspectos do estudo de caso, enquanto o termo combinado é usado para representar a dinâmica nacional, de forma ampla.

A heterogeneidade desses espaços se manifesta tanto na formação histórica quanto nas configurações socioespaciais contemporâneas. Encontram-se desde áreas consolidadas há décadas até ocupações recentes, com formas de moradia que incluem construções autônomas e conjuntos habitacionais oriundos de processos de reassentamento - como os casos emblemáticos da Cidade de Deus, Vila Aliança, Vila Kennedy e Vila Esperança, na Zona Oeste do Rio de Janeiro (Valladares, 2003).

Essa diversidade territorial também se expressa nas distintas configurações urbanas: há favelas e comunidades urbanas que se desenvolvem horizontalmente em áreas planas e outras que se expandem verticalmente em morros e encostas. Além disso, muitas ocupam regiões ambientalmente frágeis, como baixadas, áreas alagadiças, vales ou faixas litorâneas. As técnicas construtivas variam entre a alvenaria convencional e métodos tradicionais como pau-a-pique, estuque e madeira (IBGE, 2024).

As territorialidades resultantes desses processos se constituem em múltiplas temporalidades - algumas seculares, outras recentes -, refletindo não apenas condições materiais de existência, mas também formas de organização cotidiana, afetiva e política. Compreender essas dinâmicas exige abordagens que reconheçam a complexidade dos sujeitos e dos processos sociais que ali se desenrolam.

Em escala nacional, o Censo de 2022 identificou 12.348 favelas e comunidades urbanas, distribuídas por 656 municípios e concentradas principalmente nas regiões metropolitanas e capitais. Esses territórios abrigam aproximadamente 16,4 milhões de pessoas, o equivalente a 8,07% da população brasileira. A maior concentração está no Sudeste (43,4% ou 7,1 milhões de pessoas), seguido pelo Nordeste (28,3%), Norte (20%), Sul (5,4%) e Centro-Oeste (2,9%). Em números absolutos, São Paulo (3.123 favelas e 3,6 milhões de moradores) e Rio de Janeiro (1.724 favelas e 2,1 milhões) se destacam. Já na análise proporcional, os estados da Região Norte lideram, com destaque para o Amazonas (34,7%), Amapá (24,4%) e Pará (18,8%).

O perfil sociodemográfico dessas áreas revela equilíbrio de gênero (51,7% mulheres e 48,3% homens) e predominância da população negra (72,9%, somando pretos e pardos). Os brancos representam 26,6%, indígenas 0,8% e amarelos 0,1%. Entre 2010 e 2022, observou-se um aumento de 3,2 pontos percentuais na autodeclaração da população negra, evidenciando transformações identitárias e dinâmicas demográficas.

A estrutura etária revela a predominância de uma população jovem: 28,5% têm entre 0 e 14 anos, enquanto apenas 9,7% têm 60 anos ou mais. O Índice de Envelhecimento (45 idosos para cada 100 crianças) é significativamente inferior à média nacional (80). Quanto ao perfil habitacional, 93,3% dos domicílios são casas, e o número médio de moradores por domicílio caiu de 3,5 (em 2010) para 2,9 (em 2022), acompanhando uma tendência nacional de redução do tamanho familiar.

Contudo, essa composição majoritariamente jovem não pode encobrir a realidade crítica enfrentada pelos idosos que vivem nesses territórios. A persistência da pobreza, o acesso precário a serviços e a exposição a riscos ambientais tornam o envelhecimento um processo repleto de obstáculos. Mais do que isso, indicam que a juventude de hoje envelhecerá em

contextos urbanos que, em sua configuração atual, não oferecem suporte adequado para uma velhice digna.

Na transição para a velhice as desigualdades urbanas ganham contornos específicos, especialmente diante da ausência de políticas públicas efetivas. O envelhecimento urbano no Brasil escancara assimetrias estruturais históricas: enquanto bairros privilegiados contam com acesso ampliado a infraestrutura e serviços (Silva, 2019), nas favelas e comunidades urbanas a velhice é marcada por vulnerabilidades acumuladas - entre elas, acesso limitado à saúde, mobilidade restrita, insegurança alimentar e habitacional e ausência de políticas voltadas à população idosa.

Essas disparidades territoriais revelam experiências geracionais profundamente desiguais, em que o local de moradia influencia diretamente a qualidade e a expectativa de vida. Nas favelas investigadas neste estudo - o Complexo do Jacarezinho e o Morro da Providência -, essas desigualdades assumem contornos próprios.

Ambos os territórios compartilham o predomínio de uma população jovem (idade mediana de 31 anos e índices de envelhecimento de 54,8 e 59,3, respectivamente, frente a 121,4 no município), mas apresentam especificidades importantes. No Jacarezinho, os dados do Censo de 2022 indicam uma população composta por 42,47% de moradores que se autodeclararam pardos, 30,07% brancos e 27,23% pretos. Os idosos enfrentam desafios cotidianos como interrupções no abastecimento de água e energia elétrica, acúmulo de resíduos sólidos e poluição dos corpos d'água, fatores que impactam diretamente seu bem-estar.

No Morro da Providência, com perfil étnico-racial semelhante (40,11% pardos, 30,14% brancos e 29,68% pretos), a topografia acentuadamente inclinada, somada à presença limitada de equipamentos públicos e à dificuldade de acesso ao transporte coletivo, agrava as restrições à mobilidade e à autonomia da população idosa.

Esses dados reforçam a importância de compreender os desafios do envelhecimento nas favelas para além do déficit de infraestrutura. É preciso considerar as formas com que os sujeitos vivenciam suas rotinas, acessam direitos e constroem redes de apoio - elementos centrais para refletir sobre o envelhecimento urbano em condições de desigualdade.

A valorização das experiências de vida desses moradores mais velhos pode revelar caminhos para práticas urbanas mais justas, que reconheçam a velhice não como um ponto de fragilidade, mas como espaço de produção de saberes, vínculos e invenções. Essas análises territorializadas fornecem, portanto, as bases empíricas e conceituais que estruturam as reflexões desenvolvidas ao longo deste artigo.

PERCEPÇÃO DOS IDOSOS EM RELAÇÃO AO ENVELHECIMENTO: RESISTÊNCIAS E ADAPTAÇÃO AO AMBIENTE CONSTRUÍDO

Envelhecer em territórios como o Jacarezinho e o Morro da Providência significa enfrentar desafios que ultrapassam as limitações impostas pelo corpo. O ambiente construído - marcado por escadarias íngremes, ruas desniveladas, becos e vielas estreitas - impõe barreiras cotidianas à mobilidade, dificultando o acesso a serviços, ao lazer e à vida comunitária. Ainda assim, os idosos não se colocam como sujeitos passivos diante dessas adversidades. Ao contrário, mobilizam saberes locais, redes de solidariedade e práticas cotidianas para criar estratégias de adaptação, como o uso de caminhos alternativos e transportes informais (mototáxis, kombis e caronas), preservando, assim, certa autonomia em contextos urbanos que frequentemente lhes são hostis.

Essa relação com o território, no entanto, não se restringe às dificuldades materiais. Os vínculos afetivos, construídos ao longo da vida, transformam a favela em um espaço de pertencimento, no qual memórias individuais se entrelaçam com histórias coletivas. A moradia, nesse contexto, assume papel simbólico e afetivo central. Cada etapa da construção da casa - do barraco inicial às reformas sucessivas - é lembrada como parte de uma trajetória de resistência, consolidando o espaço habitado como extensão da própria vida. Como aponta Cavalcanti (2009), o modo de habitar expressa uma relação entre materialidade e subjetividade, e a casa torna-se mais do que abrigo: é espaço de memória, identidade e pertencimento.

Muitos entrevistados relataram as transformações físicas do lugar - como a substituição das casas de estuque por construções em alvenaria e a chegada gradual de serviços públicos - como conquistas significativas, fruto de processos coletivos de permanência e luta. Ainda assim,

ênfatisam que as intervenções urbanísticas, embora importantes, raramente consideram as especificidades da velhice. A pavimentação de ruas ou a instalação de equipamentos urbanos nem sempre inclui adaptações como corrimãos, rampas ou sinalização adequada, evidenciando o descompasso entre as promessas de urbanização e as necessidades reais dos moradores mais velhos.

A mobilidade dos idosos é atravessada por múltiplas variáveis: saúde, renda, apoio familiar, gênero, estigma territorial. Mulheres idosas, em particular, acumulam funções de cuidado e trabalho informal para complementar a aposentadoria. Muitos evitam sair à noite por medo da violência ou pela ausência de iluminação e transporte adequados. Operações policiais e a falta de serviços de emergência adaptados também aumentam o risco. Em situações extremas, familiares precisam carregar idosos escada abaixo para que possam acessar atendimento médico.

Apesar disso, a resistência se manifesta de maneira cotidiana e silenciosa: nos mutirões para melhorar moradias, nas redes de cuidado entre vizinhos, na fé, nos espaços coletivos. A favela é espaço de adversidade, mas também de afeto, conquistas e vínculos. Essa relação, contudo, não é isenta de ambivalências: muitos demonstram cansaço diante da negligência estatal e o desejo de deixar o local, ainda que permaneçam pela força dos laços construídos.

As narrativas revelam um envelhecimento vivido entre o reconhecimento da trajetória e o esgotamento provocado pela sobrecarga. Não se trata de uma etapa de descanso, mas da continuidade da luta por dignidade. Caminhar pelas vielas da favela com os entrevistados permitiu perceber trajetos que não eram apenas físicos, mas também simbólicos e afetivos. Suas falas expressam orgulho, frustração, pertencimento e denúncia. Os sentidos atribuídos à velhice oscilam entre a valorização da experiência e a sensação de desvalorização social em uma sociedade que associa utilidade à produtividade.

Essas percepções ficam evidentes nas falas dos interlocutores. Para muitos, o termo “velho” é rejeitado por carregar um sentido de descarte, em contraste com a ideia de “idoso” como reconhecimento da dignidade humana:

“Para mim, velho é objeto. O que cabe para a minha pessoa é idoso, não velho. Velho é trapo, é objeto, é algo que não tem mais serventia, nem utilidade. Isso, para mim, é um erro de colóquio.

Porque você não é um objeto, você é um ser humano. Então, se você é um ser humano, você não é velho, você é idoso!... Eu não sou velha, eu sou idosa.” (Umbu, Morro da Providência).

Outros relatos revelam como o envelhecimento é vivenciado como uma tensão entre o orgulho por tudo o que se construiu ao longo da vida e o sofrimento frente às privações acumuladas:

“Eu penso que minha velhice poderia ser um pouco diferente, poderia ser melhor do que é. Gostaria de poder pagar um plano de saúde e ter um pouco mais de tranquilidade. Comer bem, viajar, comprar remédios e ajudar meus filhos. Mas não é assim. É sofrido viver com um salário só.” (Umbu, Morro da Providência).

A consciência de que “só envelhece quem vive” (Cachoeira, Jacarezinho) condensa essa dualidade: uma afirmação da vida e, simultaneamente, a constatação dos limites impostos pelas desigualdades acumuladas. Essa ambiguidade também surge em falas que expressam esgotamento e desesperança:

“Hoje eu me considero uma pessoa idosa. Para mim, uma idosa é alguém que já entregou os pontos, que não quer mais viver. Sei lá... Eu já entreguei os pontos, não quero mais viver.” (Sucupira, Morro da Providência).

“Um velho... idoso é igual a mim. É triste! São duas pessoas inúteis: o idoso e o cego. (Silêncio) Eu acho que, quando a pessoa vai envelhecendo, ela vai perdendo um pouco o valor. Ainda mais aqueles que ficam dependendo dos outros pra tudo, como eu. Quem se abandona, se perde. Quem entrega os pontos, desiste de viver.” (Bambu, Jacarezinho).

Essas vozes denunciam como desigualdades de classe, raça, gênero, deficiência e território se articulam na produção de experiências específicas de envelhecimento. Em contextos marcados pelas limitações da infraestrutura, estigmatização e violência, envelhecer é também resistir. Como afirmou uma entrevistada:

“Sim, há uma grande diferença. Os idosos que não moram na favela têm muito mais chances de ter uma vida longa. Vários fatores diminuem a qualidade de vida do favelado. Por não morar na favela, já têm acesso a médicos e serviços de saúde. Então, há uma enorme diferença entre o idoso da favela e o que não mora na favela. Também vejo idosos pegando dois ônibus para ir ao médico. Esses idosos realmente têm qualidade de vida? Não têm. Falta qualidade de vida para algumas pessoas, enquanto outras têm acesso a isso.” (Primavera, Jacarezinho).

Esses relatos dialogam com a análise de Souza, Matias e Brêtas (2010), ao apontarem que, em sociedades capitalistas, o trabalho é central para a construção do valor social do sujeito. Com

a aposentadoria ou a exclusão do mercado de trabalho, e na ausência de condições para ressignificar o cotidiano, muitos vivenciam a velhice com sofrimento. Campelo e Paiva et al. (2021) reforçam essa leitura ao destacarem que trajetórias marcadas por discriminação e pobreza resultam em processos de envelhecimento atravessados por múltiplas privações, especialmente acentuadas em contextos como o das favelas.

Assim, reafirma-se que envelhecer é um processo social e relacional (Beauvoir, 1976; Teixeira, 2020). Em sociedades marcadas por desigualdades estruturais, essas assimetrias se acumulam ao longo da vida e se tornam mais intensas na velhice, sobretudo entre aqueles que dependem exclusivamente das políticas públicas (Campelo e Paiva, 2014). Nesse cenário, o corpo envelhecido também é atravessado pelo espaço urbano: morros íngremes, ausência de acessibilidade, longas distâncias até unidades de saúde. A corporeidade da velhice se constrói, assim, na interação entre os limites físicos e os desafios impostos pela cidade.

Apesar das adversidades, as práticas desenvolvidas pelos idosos, como os mutirões, as rodas de convivência, os espaços coletivos, o carnaval e as manifestações de religiosidade, evidenciam formas singulares de autonomia e reinvenção. A favela, nesse sentido, não deve ser compreendida apenas como um espaço de carências, mas também como um território de afetos, memórias e pertencimento. Envelhecer nesses contextos configura uma experiência ambígua, vivida entre a fragilidade da presença estatal e a potência das redes comunitárias que sustentam o cotidiano.

As narrativas analisadas demonstram que o envelhecimento é compreendido pelos interlocutores como um processo plural, dinâmico e profundamente marcado pela inserção territorial e pelas relações sociais. Mais do que um fenômeno biológico ou demográfico, a velhice é concebida como uma categoria socialmente construída, atravessada por marcadores como classe, gênero, raça, corpo e funcionalidade.

Para os idosos entrevistados, a construção do significado de ser velho ou idoso é multidimensional, ancorada no princípio da diversidade. A percepção da velhice vai além da idade cronológica, envolvendo aspectos como a capacidade de realizar atividades cotidianas, trabalhar, cuidar dos outros e manter autonomia. A perda dessas habilidades é frequentemente

interpretada como sinal de envelhecimento. Outros elementos simbólicos - como o embranquecimento dos cabelos, as rugas, a perda de força física ou a manutenção da lucidez e dos vínculos familiares - também compõem esse imaginário.

Nesse processo de construção de sentidos, os idosos produzem representações de si mesmos que desafiam os estereótipos que associam a velhice à inutilidade ou à dependência. Valorizam a memória, a experiência acumulada e sua contribuição à vida coletiva. Ao reconfigurarem seus papéis familiares e sociais, reafirmam sua centralidade como sujeitos da história local, guardiões da memória coletiva e protagonistas da vida nos territórios que habitam.

Como sintetizou um dos entrevistados: “A gente já passou por tanta coisa... e ainda estamos aqui. Isso já é muita coisa, não é?”

PERCURSOS E TRAJETOS DE CAMPO – DESCREVENDO O TERRITÓRIO E OS SUJEITOS DA PESQUISA

O "estar em campo" configura-se como uma escuta situada, permeada pelo cuidado ético e pela construção de relações de confiança. Estar presente nos territórios investigados implica negociar presenças, silêncios e medos, conforme apontam Beaud e Weber (2007). Durante a pesquisa, estivemos constantemente acompanhados por moradores locais, em uma mediação articulada por instituições e organizações sociais atuantes, como a Legião da Boa Vontade, o CRAS, o movimento Eu Amo Jacarezinho, e o Instituto Entre o Céu e a Favela, no Morro da Providência. Esses parceiros foram essenciais para a construção da rede de participantes e para garantir um ambiente de respeito e acolhimento.

O uso do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), aliado a uma escuta respeitosa, assegurou a adesão voluntária dos sujeitos à pesquisa. Além das entrevistas, acompanhamos os idosos em diferentes contextos do cotidiano, por meio da observação em festas, visitas, grupos de convivência e oficinas. O campo foi vivido como uma relação de troca, não se limitando ao mero levantamento de dados. As redes de apoio institucionais e comunitárias constituíram espaços seguros e afetivos de escuta, fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa.

Essa experiência de campo demandou tempo, paciência e a construção gradual de vínculos, ressaltando a importância da escuta atenta e do respeito às trajetórias dos sujeitos (Haraway, 1995). Em suma, a pesquisa buscou articular rigor metodológico com uma postura ética sensível às dinâmicas sociais e afetivas dos territórios estudados.

Figura 1. Mapa de localização da área de estudo: favelas do Complexo do Jacarezinho e do Morro da Providência.



Fonte: Elaboração própria.

Com base nessas perspectivas, analisamos a dialética entre sujeito e espaço a partir das relações entre a pessoa idosa e a favela, observando como esses territórios são vivenciados e transformados em lugares de existência. Conforme Gupta e Ferguson (2000), a experiência do espaço é socialmente construída e materializada nas relações que as pessoas estabelecem com os lugares ao longo da vida.

O espaço é entendido como produto de inter-relações em constante construção, que envolve dimensões materiais, simbólicas e afetivas (Massey, 2008). Assim, o espaço vivido traduz o modo como os idosos se apropriam do território, constituindo laços de pertencimento e redes de sociabilidade que dão sentido ao cotidiano.

Lefebvre (1974) compreende o espaço vivido como a dimensão simbólica e experiencial do espaço, associada às representações, memórias e afetos que dão significado ao lugar. Ele expressa a apropriação subjetiva do território pelos moradores, revelando usos, significados e resistências que desafiam a racionalidade dominante e o espaço imposto. Para o autor, o espaço não é mero suporte das relações sociais, mas produto e condição da vida social, um campo em que se entrelaçam poder, conflito e criação.

Nas favelas, essa dialética entre o espaço concebido e o espaço vivido manifesta-se nas práticas cotidianas que reafirmam o direito à cidade. O cotidiano das pessoas idosas evidencia essa tensão: ao mesmo tempo em que enfrentam barreiras físicas e simbólicas, reconfiguram o espaço por meio de trajetos, memórias e vínculos afetivos que sustentam a permanência e o pertencimento.

Essa perspectiva evidencia que os idosos participam ativamente da produção e transformação do espaço urbano, num processo em que sujeito e ambiente se moldam mutuamente. Bosi (1994) reforça que, na velhice, o vínculo entre memória e espaço se intensifica: casa, rua e bairro tornam-se referências centrais de identidade e continuidade.

Essas reflexões permitem compreender as experiências espaciais e afetivas dos idosos nos territórios estudados, revelando como suas práticas e memórias contribuem para a construção cotidiana do lugar e para a permanência nas favelas, apesar das adversidades.

Jacarezinho

Os trabalhos de campo realizados no Jacarezinho, ao longo do segundo semestre de 2024, concentraram-se na escuta de moradores idosos e na observação de suas dinâmicas de circulação, acesso a serviços e vivências cotidianas no território. A partir de percursos guiados por uma liderança comunitária, foi possível compreender como os desafios estruturais da favela

- como escadarias íngremes, ruas estreitas e a ausência de infraestrutura adequada - impactam diretamente a mobilidade e o cotidiano dos moradores. A Travessa Iza, por exemplo, foi frequentemente mencionada pelos interlocutores como um dos trechos mais desafiadores para idosos com limitações físicas, evidenciando como a configuração espacial do território pode gerar barreiras sutis, mas persistentes, à permanência e à participação ativa desses sujeitos na vida comunitária.

Mais do que uma descrição do território, as falas dos idosos revelam uma profunda relação com o espaço vivido, atravessada por memórias das transformações urbanas ao longo das décadas. A substituição das casas de estuque por construções em alvenaria não representa apenas uma mudança física, mas também simbólica: expressa resistência, investimento coletivo e desejo de permanência. Essa experiência cotidiana do morar, construída de forma progressiva e afetiva, confere à casa - como sugere Cavalcanti (2009) - um papel central na constituição da subjetividade e na permanência na favela.

Como destaca Primavera, moradora antiga do Jacarezinho:

A favela é, simplesmente, o êxodo das pessoas para um determinado lugar. Não tendo um lugar adequado para morar, surgiu a favela. Mas a favela também é um agregado de pessoas. E, para mim, é normal. É uma moradia como qualquer outra. Uma favela pode ser tão organizada quanto um condomínio, a partir do momento em que se tem conscientização política, social e também comportamental.

Essa percepção desafia os estigmas historicamente atribuídos aos territórios populares e evidencia uma apropriação ativa do espaço, marcada pelo engajamento comunitário, pela construção identitária e por uma consciência coletiva. Outro morador, Bambu, também relembra as condições precárias do passado e o processo gradual de urbanização:

Era tudo cheio de altos e baixos, tudo no estuque e no barro. Era barraco, não tinha casa como hoje. As ruas eram esburacadas porque não tinha saneamento básico, nem água, nem luz. A energia elétrica, a água e o esgoto só vieram muito tempo depois. Criaram uma associação aqui e também teve o pessoal do 'Mosquito', que ajudou muito na época.

Esses relatos evidenciam que o envelhecimento está ligado à história da favela e às transformações promovidas pelos próprios moradores. Nesse contexto, envelhecer se confunde

com o percurso histórico do território e com os múltiplos modos de habitar e atribuir sentido ao lugar.

Figuras 2 e 3. Travessa Iza – Jacarezinho.



Fonte: Trabalho de campo (2024).

Durante o processo de orientação e deslocamento no território, os idosos também revelam formas próprias de leitura espacial. Embora o poder público adote divisões administrativas formais, são outras as referências que organizam a vida cotidiana: nomes de vielas, antigas casas de moradores conhecidos e, inclusive, bocas de fumo - estas últimas mencionadas como marcos informais na delimitação de áreas. Esses referenciais não devem ser compreendidos como reforço de estigmas, mas sim como expressão de um saber territorial situado, que revela a complexidade das práticas sociais nos espaços urbanos populares.

Figura 4. Marcos espaciais do Complexo do Jacarezinho.

Comunidade	Referência Espacial	Categoria do Marco
AP (Conjunto dos Apartamentos)	Sede da SUIPA	Institucional
Buraco do Lacerda	Linha férrea do Metrô	Transporte urbano
Carandiru	Fábrica de Condimentos Chinezinho	Indústria/Comércio
Conjunto dos Predinhos	Prédio da Tinta Supercor	Comércio/Indústria
Malvinas	Supermercado Prezunic	Comércio varejista
Morrinho	Campo de grama sintética	Esporte/Lazer
Parque Marlene	Agência da Caixa Econômica Federal	Serviço bancário
Pica-Pau	Colégio José Lins do Rego	Educação
Tancredo Neves	Passagem subterrânea do Buraco do Lacerda	Transporte urbano
Vila 474	Ponto final da linha de ônibus 474 – Jacaré	Transporte público
Vila da Fé	Ferroquímica e Garganta do Diabo	Indústria/Local simbólico
Vila Mineira	Subestação de energia da Light	Infraestrutura urbana
Vila União	Escola Delfim Neto	Educação
Xuxinha	Posto de Saúde Renato Rocco e Centro Cultural	Saúde e cultura

Fonte: Pesquisa de campo e entrevistas com lideranças comunitárias (2025).

Entre os equipamentos públicos mais citados, destaca-se a Clínica da Família Anthidio Dias da Silveira, reconhecida como espaço importante para a população idosa. Embora o acesso seja dificultado pelas condições locais de mobilidade, a clínica representa um ponto fundamental de cuidado e socialização. Ao articular saúde, território e envelhecimento, sua presença convida à reflexão sobre os modos de territorialização de políticas públicas de atenção básica e suas respostas - ou ausências - às necessidades específicas dos moradores de favelas.

Figuras 5 e 6. Infraestrutura social no Jacarezinho: Clínica da Família e Centro de Referência da Juventude.



Fonte: Pesquisa de campo (2024).

Outro equipamento mencionado nas entrevistas foi o Centro de Referência da Juventude (CRJ), reconhecido pelos moradores como uma estrutura pública relevante na comunidade. Trata-se de um projeto social criado em parceria com o governo do Estado, voltado à capacitação e qualificação profissional de jovens entre 15 e 29 anos em situação de vulnerabilidade. O CRJ também oferece atividades esportivas, culturais, artísticas e de lazer, ampliando as possibilidades de sociabilidade e inserção social da juventude local.

As experiências relatadas pelos idosos do Jacarezinho apontam para um envelhecer marcado pela luta por reconhecimento, pela manutenção de vínculos comunitários e pela afirmação do pertencimento. Ao ressignificarem as transformações do lugar ao longo do tempo, os idosos não apenas narram seu passado, mas produzem outras geografias possíveis do envelhecimento urbano.

Morro da Providência

A realização do trabalho de campo no Morro da Providência, acompanhada por moradores locais, possibilitou compreender como a experiência urbana dos idosos é atravessada por uma geografia marcada por sobreposições históricas e obstáculos cotidianos. A subida pela Ladeira do Livramento, partindo do Cais do Valongo, evocou memórias da ocupação e das lutas por permanência, em um território onde becos, escadarias e vielas não apenas estruturam o espaço físico, mas também organizam a memória social.

A percepção dos idosos revela uma sensível transformação das condições habitacionais ao longo do tempo: da precariedade das casas de estuque à consolidação de construções em alvenaria. Essas mudanças, embora associadas a melhorias materiais, não eliminam os limites impostos pela topografia e pela ausência de políticas públicas voltadas à acessibilidade. Assim como no Jacarezinho, os idosos reconhecem os avanços na urbanização, mas denunciam que tais melhorias muitas vezes desconsideram suas necessidades específicas.

Como relata Mandacaru, moradora do Morro da Providência:

Desde que moro aqui, muita coisa mudou. Antes não tinha tantas escadas como tem agora. As casas, hoje em dia, são de alvenaria; antigamente eram mais barracos. O saneamento básico também melhorou, porque, quando eu cheguei aqui, a entrada da favela era uma coisa horrível. Tinha esgoto a céu aberto e muitas palafitas.

O modo como os moradores atribuem sentido ao espaço revela um conhecimento territorial situado, no qual becos, escadas e praças se tornam referências vivas de pertencimento e resistência. As escadarias do Morrinho, por exemplo, não são apenas caminhos de circulação, mas também suportes simbólicos da luta por permanência - como evidencia o mural esculpido na Escadaria do Cruzeiro, que rememora moradores atingidos por remoções durante os megaeventos esportivos.

Figura 7. Escadaria do Cruzeiro – Morro da Providência.



Fonte: Trabalho de campo (2024).

Figuras 8 e 9. Escadas de acesso à região do Morrinho - Morro da Providência.



Fonte: Trabalho de campo (2024).

A complexidade da Providência se expressa na convivência entre marcos históricos - como o Oratório das Almas e a Casa Amarela - e os desafios contemporâneos da vida cotidiana, especialmente para os mais velhos. Envelhecer nesse contexto exige estratégias constantes de

adaptação e negociação com o espaço, como o uso de transportes alternativos até os pontos mais altos, onde a circulação ainda depende exclusivamente do esforço físico em escadas sem estrutura adequada. A presença do Projeto Favela 3D na comunidade da Pedra Lisa, com intervenções como pisos antiderrapantes, corrimãos e reformas de becos, surge como uma resposta concreta às demandas dos moradores - ainda que limitada em seu alcance.

A relação dos idosos com suas casas, construídas ao longo de décadas com esforço próprio e coletivo, remete à compreensão de que o morar na favela ultrapassa a dimensão material. A habitação torna-se expressão de investimento de vida, de vínculo com a história e com o território. Como aponta Cavalcanti (2009), diferentes formas de habitar - do barraco à casa consolidada - revelam distintos modos de estar no mundo e de construir pertencimento na favela.

Assim como no Jacarezinho, os moradores da Providência operam com uma lógica territorial própria, em que o reconhecimento do espaço se dá por meio de marcos afetivos e sociais. As experiências relatadas pelas pessoas idosas, ao reconstruírem camadas de memória, revelam a força da favela como espaço de vida, resistência e produção de sentidos. A realidade urbana imposta pela desigualdade não silencia as formas singulares de apropriação do espaço, tampouco os saberes produzidos a partir da vivência prolongada nesses territórios.

Memórias e vivências espaciais: quem são os sujeitos da pesquisa?

Os idosos entrevistados neste estudo são apresentados por meio de suas memórias, com o propósito de reconstruir não apenas suas trajetórias de vida, mas também suas percepções sobre o envelhecimento, as vivências espaciais ao longo do tempo e suas leituras sobre a formação das comunidades onde vivem. As entrevistas revelam conhecimentos, afetos e projeções para o futuro, oferecendo um olhar íntimo sobre experiências atravessadas por dimensões sociais, territoriais e simbólicas.

A favela, revisitada pelas lembranças, emerge não apenas como um espaço físico, mas como território de transformação social. A conversão do espaço em lugar, dotado de afetividade e significado, constitui um eixo fundamental das narrativas, permitindo aos participantes

rememorar eventos marcantes de suas vidas. O lugar, carregado de densidade emocional, assume assim papel central na articulação entre memória e identidade (Bosi, 1994).

Ao investigar a intersecção entre memória e velhice, o estudo evidencia como as experiências dos idosos se relacionam ao contexto das favelas, reforçando o papel do espaço na construção de suas identidades. As trajetórias reconstruídas desafiam visões reducionistas do envelhecimento, revelando sujeitos com projetos, agência e perspectivas que transcendem os limites cronológicos da idade.

As entrevistas foram conduzidas em locais escolhidos pelos próprios participantes - como suas casas ou associações de moradores -, assegurando conforto e familiaridade na partilha de suas histórias. A análise dos relatos destaca episódios significativos que evidenciam o envelhecimento como parte da luta por moradia e da constituição das favelas como espaços de reprodução da vida cotidiana.

Para preservar a identidade dos entrevistados, foram atribuídos pseudônimos inspirados em elementos da natureza. Essa escolha simbólica remete à força, resiliência e enraizamento dos sujeitos, cuja trajetória, assim como a natureza, resiste e floresce mesmo em condições adversas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os relatos de campo evidenciam que envelhecer em favelas constitui um processo marcado por profundas desigualdades sociais e desafios estruturais, atravessado por fatores como gênero, raça, classe e localização. A materialidade do território - composta por escadarias, vielas, áreas de lazer e serviços públicos - estrutura o espaço físico e impacta diretamente a vida cotidiana e as memórias dos idosos. Ao mesmo tempo, as favelas são também espaços de resistência, pertencimento e reinvenção, nos quais os idosos constroem vínculos e desenvolvem estratégias de adaptação frente às adversidades.

Para contextualizar as análises que se seguem, apresenta-se o perfil dos participantes da pesquisa Na Figura 10, com base nas entrevistas realizadas nos territórios do Jacarezinho e do Morro da Providência.

Figura 10. Perfil sociodemográfico dos(as) idosos(as) entrevistados(as).

Nome	Idade	Gênero	Cor /raça	Estado civil	Escolaridade	Situação familiar	Local de nascimento
Ipê Jacarezinho	67	Feminino	Preta	Solteira	Ensino Médio completo	Mora com irmãs	Rio de Janeiro - RJ
Bambu Jacarezinho	67	Masculino	Pardo	Casado	Ensino Fundamental incompleto	Mora com esposa	Rio de Janeiro - RJ
Primavera Jacarezinho	63	Feminino	Preta	Solteira	Ensino Médio completo	Mora sozinha	Rio de Janeiro - RJ
Cachoeira Jacarezinho	72	Feminino	Preta	Viúva	Ensino Médio completo	Mora sozinha	Guarará - MG
Mandacaru Morro da Providência	62	Feminino	Preta	Casada	Ensino Médio completo	Mora com marido	Rio de Janeiro - RJ
Sucupira Morro da Providência	65	Feminino	Branca	Viúva	Ensino Fundamental incompleto	Mora sozinha	Ingá de Bacamarte - PB
Umbu Morro da Providência	70	Feminino	Parda	Viúva	Ensino Médio completo	Mora sozinha	Salvador - BA
Jatobá Morro da Providência	69	Feminino	Parda	Casada	Ensino Médio incompleto	Mora com esposo	Recife - PE

Fonte: Entrevistas e diário de campo (2024-2025).

Nesta seção, os resultados são apresentados com base em eixos temáticos construídos a partir da escuta atenta e da análise das narrativas dos entrevistados. As categorias emergiram da experiência de campo e foram organizadas com o apoio de quadros explicativos que sintetizam aspectos socioespaciais e analíticos, permitindo uma leitura interseccional das experiências de envelhecimento nos territórios investigados. A repetição de sentidos nas falas

evidenciou como diferentes dimensões do cotidiano atravessam a vivência da velhice em contextos marcados por desigualdades históricas e urbanas.

Entre os temas mais recorrentes, destacam-se as dificuldades relacionadas à mobilidade e às barreiras urbanas, os vínculos afetivos construídos com o território, as percepções de insegurança e violência urbana, além das estratégias de resistência cotidiana que sustentam a permanência no lugar. Cada uma dessas dimensões expressa aspectos centrais da pergunta que orienta esta pesquisa: como o envelhecimento é vivenciado por pessoas idosas que vivem em favelas, considerando suas práticas de deslocamento, os afetos territorializados, os limites impostos pela cidade e as formas de agência diante da precariedade.

Mobilidade e acessibilidade: barreiras físicas e estratégias de reprodução socioterritorial

A mobilidade urbana configura-se como um aspecto central do envelhecimento em contextos de vulnerabilidade, como nas favelas, onde a infraestrutura limitada pode restringir a autonomia dos idosos. Escadarias sem adaptação, ausência de rampas, desníveis acentuados, falta de corrimãos e vias mal conservadas são desafios recorrentes que tornam o deslocamento cotidiano mais complexo. Esses obstáculos tendem a se intensificar em função da topografia acidentada, das limitações do transporte público e das falhas frequentes nos serviços urbanos essenciais, como o fornecimento de energia elétrica e água.

Para além das barreiras físicas, o ambiente social também afeta diretamente a mobilidade. A violência urbana e as recorrentes operações policiais restringem o direito de ir e vir, gerando medo, confinamento e sensação de insegurança (Bueno, 2018). A circulação dos idosos torna-se ainda mais limitada em contextos marcados por conflitos armados e pela ausência de políticas de proteção territorial. Nessas condições, a mobilidade deve ser compreendida em articulação com a segurança, o pertencimento e a dignidade no envelhecimento.

Diante desses entraves, os moradores mobilizam estratégias de reprodução socioterritorial que revelam agência cotidiana e capacidade de adaptação. Entre essas estratégias, destacam-se a reorganização das rotinas, o apoio de redes locais de cuidado e o uso de transportes

alternativos - em grande parte informais, como vans de lotação, mototáxis e kombis - que, embora fundamentais para o deslocamento, operam muitas vezes de forma precária, sem regulação, segurança adequada ou garantia de acessibilidade. Essa informalidade expõe os idosos a riscos adicionais e evidencia a ausência do poder público na provisão de transporte digno e inclusivo.

Essas práticas cotidianas demonstram uma dimensão ativa do envelhecimento e apontam para formas de resistência e permanência no território. Contudo, é importante reconhecer que tais estratégias não devem ser vistas como soluções definitivas, tampouco como substitutas da responsabilidade estatal na promoção da acessibilidade urbana. Como destacam Laws (1994) e Schwanen et al. (2012), o direito à mobilidade é elemento estruturante de um envelhecimento com qualidade de vida, especialmente quando considerado em articulação com as desigualdades sociais e as condições ambientais dos territórios populares.

Os dados levantados foram sistematizados no quadro a seguir, que resume as principais dimensões analíticas e seus impactos sobre o envelhecimento em favelas.

Figura 11. Dimensões analíticas do envelhecimento em favelas: subdimensões, impactos e conexões.

Dimensão analítica	Subdimensões	Impactos na velhice	Conexões
Mobilidade e acessibilidade	<ul style="list-style-type: none"> - Barreiras físicas (escadarias, ausência de corrimãos, transporte informal) - Insegurança urbana, - Deficiências associadas ao envelhecimento. 	<ul style="list-style-type: none"> - Restrição de circulação, - Isolamento social, - Perda de autonomia e confinamento involuntário. 	<ul style="list-style-type: none"> - Interseccionalidade (idade, deficiência, pobreza), - Redes comunitárias de apoio.
Memória e pertencimento	<ul style="list-style-type: none"> - Vínculos afetivos com o território, - Memória coletiva e história local, - Práticas de solidariedade e mutirões. 	<ul style="list-style-type: none"> - Resistência à saída do território - Reforço da identidade - Valorização simbólica da favela 	<ul style="list-style-type: none"> - Redes de apoio baseadas na vizinhança, - Reação à estigmatização social e espacial.
esigualdades e interseccionalidade	<ul style="list-style-type: none"> - Gênero e divisão do cuidado, 	<ul style="list-style-type: none"> - Vulnerabilidades acumuladas, 	<ul style="list-style-type: none"> - Relações frágeis com o Estado,

	<ul style="list-style-type: none"> - Racismo e estigma territorial, - Precariedade laboral, - Deficiência física e visual 	<ul style="list-style-type: none"> - Oportunidades limitadas, - Sentimentos de exclusão e desvalorização. 	<ul style="list-style-type: none"> - Estratégias de resistência e agência.
Redes de apoio e estruturas do cuidado	<ul style="list-style-type: none"> - Apoio informal (vizinhança, familiares, amigos), - Espaços comunitários (centros culturais, igrejas, escolas de samba), - Participação social. 	<ul style="list-style-type: none"> - Manutenção da autonomia, - Fortalecimento do pertencimento, - Sentimento de proteção e acolhimento. 	<ul style="list-style-type: none"> - Complemento à ausência estatal, - Organização da vida cotidiana e resistência territorial.

Fonte: Pesquisa de campo (2024 – 2025).

Memória e pertencimento: a favela como espaço de identidade e resistência

O envelhecimento em favelas não se resume às limitações materiais; ele também se constrói a partir dos vínculos simbólicos com o território. As memórias e os afetos compartilhados moldam o pertencimento, articulando vivências pessoais e histórias comunitárias em um processo contínuo de construção da identidade. A favela emerge, assim, como espaço de significados, onde passado e presente se entrelaçam na constituição de um sentimento de “ser e estar” no lugar.

Mesmo diante das precariedades estruturais, a manutenção de laços comunitários, as lembranças de festas, mutirões e celebrações coletivas conferem à favela um estatuto de referência afetiva. Esses elementos funcionam como âncoras identitárias, especialmente para os idosos, cujas memórias estão impregnadas nas transformações espaciais ocorridas ao longo das décadas. O pertencimento, nesse contexto, não se restringe à posse material do território, mas à sua dimensão simbólica, emocional e afetiva.

As transformações contemporâneas nas formas de sociabilidade - marcadas por processos de individualização e ruptura de vínculos - vêm afetando essas relações. Ainda assim, o sentimento de pertencimento persiste como componente fundamental da vida dos idosos, contribuindo para sua saúde mental, autoestima e desejo de permanência no território. Essa

perspectiva desafia leituras reducionistas que veem as favelas apenas como espaços de carência, ressaltando-as como territórios de resistência e produção ativa da vida cotidiana.

Desigualdades e interseccionalidade: gênero, raça e classe no envelhecimento

A experiência de envelhecer é permeada por diferentes marcadores sociais que, em sua intersecção, configuram situações diversas de vulnerabilidade. Aspectos como gênero, raça e classe social influenciam de forma significativa as trajetórias dos sujeitos, especialmente no caso de mulheres negras idosas, que frequentemente enfrentam simultaneamente o racismo, o sexismo, o etarismo e a precariedade no trabalho. Esses elementos se articulam às limitações impostas pelo território, ampliando os desafios cotidianos e tornando ainda mais complexa a vivência do envelhecimento em contextos de exclusão urbana.

A abordagem interseccional, conforme formulada por Crenshaw (2002), permite compreender como diferentes marcadores sociais operam de forma simultânea e interdependente, produzindo experiências sobrepostas de discriminação. No contexto das favelas, essas dinâmicas se expressam em dificuldades de acesso a serviços de saúde, aposentadorias tardias ou inexistentes, inserção em relações de trabalho informais e precarizadas, ausência de políticas públicas de cuidado e na persistência de estigmas associados à origem racial e territorial.

Além dos desafios estruturais, o estigma territorial impacta profundamente as possibilidades de inserção social e econômica, contribuindo para a vivência da exclusão. Muitas vezes, a origem dos moradores é associada, de forma preconceituosa, à criminalização ou à desvalorização simbólica, o que reforça barreiras que se somam às dificuldades materiais.

A interseccionalidade, nesse sentido, não apenas evidencia as estruturas que produzem desigualdades, mas também contribui para a compreensão crítica das trajetórias de envelhecimento em territórios populares. Envelhecer com dignidade nesses contextos implica reconhecer como distintas formas de opressão - especialmente aquelas relacionadas à raça, gênero e território - se entrelaçam e impactam a vida cotidiana dos sujeitos, exigindo leituras que articulem justiça social, memória histórica e equidade socioespacial.

Redes de apoio e relações comunitárias

As redes de apoio constituem um dos principais pilares de sustentação da vida dos idosos. Nas favelas, elas assumem papel fundamental na reprodução social e na garantia do bem-estar. Diferentemente das redes formais, vinculadas ao Estado, as redes comunitárias - compostas por vizinhos, familiares, lideranças locais e instituições do território - são centrais para a promoção da autonomia, da saúde e da dignidade no envelhecimento.

Nos contextos pesquisados, observou-se a existência de grupos de convivência voltados a pessoas idosas, atividades culturais promovidas em centros comunitários e momentos de lazer que assumem importância como práticas de cuidado coletivo. Muitas dessas iniciativas são organizadas por moradores, em articulação com organizações sociais locais, evidenciando mobilização ativa em torno da valorização da velhice e da construção de uma sociabilidade baseada na solidariedade.

Mesmo diante da escassez de serviços públicos, as comunidades produzem formas de cuidado enraizadas no território, que ressignificam o envelhecimento e fortalecem o sentimento de pertencimento. Como apontam Bagno e Silva (2015), essas redes funcionam como estratégias de enfrentamento da ausência do Estado, operando com base na horizontalidade, reciprocidade e solidariedade.

Além disso, essas redes se configuram como espaços de reconhecimento social, nos quais os idosos ocupam posições de prestígio simbólico e se tornam transmissores de saberes intergeracionais. Seu protagonismo em atividades comunitárias, culturais e religiosas reforça sua inserção na vida coletiva, desafiando estereótipos que associam o envelhecimento à inatividade ou à dependência.

A valorização dessas formas de cuidado desafia a lógica individualizante promovida por modelos neoliberais do envelhecer, ao evidenciar arranjos coletivos que integram o cuidado à vida cotidiana. Como discutem Campelo e Paiva et al. (2021), o cuidado em contextos populares é mediado por práticas relacionais e por saberes locais, revelando a capacidade das comunidades periféricas de formular respostas próprias às adversidades.

Quadro conceitual e análise dos territórios

As análises realizadas permitiram a construção de um quadro conceitual (Figura 12), que resume os principais temas e dimensões exploradas, suas subcategorias e conexões transversais. Esse quadro organiza os achados qualitativos em torno de eixos fundamentais para a compreensão do envelhecimento em territórios populares.

Figura 12. Envelhecimento em favelas.

Dimensões	Subitens	Conexões
1. Sujeito (O Ser)	Gênero, Cor/Raça, Sexualidade, Classe, Memórias, Subjetividades	Interseccionalidade
2. Espaço e Território	Infraestrutura, acesso, condições ambientais	Infraestrutura urbana Racismo ambiental
3. Mobilidade	Barreiras físicas, transporte, insegurança	Qualidade de vida
4. Violência e Insegurança	Incursões policiais, medo, restrição de circulação	Isolamento
5. Redes de Apoio	Família, comunidade, instituições locais	Resiliência

Fonte: Elaboração própria com base na pesquisa de campo (2024–2025).

Ao evidenciar desigualdades nas condições urbanas e institucionais entre os territórios, a Figura 13 contribui para a reflexão sobre a importância de estratégias públicas territorializadas no enfrentamento das vulnerabilidades associadas ao envelhecimento.

Figura 13. Comparativo entre os territórios do Jacarezinho e do Morro da Providência: aspectos socioespaciais, institucionais e impactos no envelhecimento.

Categoria	Jacarezinho	Morro da Providência
Localização	Zona Norte do Rio de Janeiro	Centro do Rio de Janeiro
População estimada	29.766 habitantes	4.736 habitantes
Domicílios	12.458	2.044
Área (km ²)	0,381	0,12
Densidade demográfica	78.000 hab/km ²	34.820 hab/km ²

Topografia	Predominantemente plana	Encostas e morros, com relevo acidentado
Infraestrutura urbana	Presença de saneamento básico e energia elétrica, embora com intermitências; esgoto a céu aberto, rios poluídos, descarte inadequado de lixo.	Acesso limitado a serviços de saúde e educação; problemas recorrentes de abastecimento de água, energia elétrica e lixo.
Transporte público	Linhas de ônibus com baixa regularidade e acessibilidade reduzida; presença de estação de trem	Acesso dificultado pela geografia e descontinuidade das linhas; presença de teleférico para áreas altas e proximidade com estação Central de trem e metrô
Barreiras físicas	Vielas estreitas, calçadas irregulares e ausência de sinalização tátil	Predomínio de escadarias, falta de corrimãos, becos estreitos, ruas íngremes, ausência de rampas e sinalização
Serviços de saúde e assistência	Clínica da Família, Cozinha Comunitária Carioca, Centro de Referência da Juventude no território; presença do CRAS no entorno	Presença do CRAS e de Clínicas da Família nos arredores; acesso por caminhada ou transporte alternativo
Redes de apoio comunitário	Lideranças locais, movimentos sociais, ONGs (como Eu Amo Jacarezinho), Centro Cultural, apoio religioso, Escola de Samba Unidos do Jacarezinho, e vizinhança solidária	Atuação de ONGs (como o Instituto Entre o Céu e a Favela), movimentos sociais, coletivos locais e rede ativa de vizinhança
Violência e segurança	Conflitos armados recorrentes, operações policiais frequentes, impacto na circulação e sensação de insegurança	Presença de operações policiais e percepção de insegurança
Mobilidade de idosos	Deslocamentos comprometidos por barreiras físicas e insegurança	Mobilidade ainda mais restrita pela topografia íngreme e infraestrutura limitada
Sentimento de pertencimento	Vínculos afetivos consolidados e apego ao território	Forte memória histórica como primeira favela do Brasil; sentimento de pertencimento entre os mais idosos
Iniciativas locais para idosos	Grupos de artesanato, rodas de conversa e apoio informal entre vizinhos	Baixa oferta de atividades voltadas à população idosa; presença pontual de grupos religiosos e de convivência
Principais demandas	Instalação de rampas, corrimãos, melhorias no transporte público e ampliação de atividades para idosos	Adaptação do espaço físico e maior presença estatal na oferta de serviços públicos

Fonte: Elaboração própria com base na pesquisa de campo (2024–2025).

A análise dos territórios, ainda que situada em contextos específicos, contribui para ampliar a compreensão das desigualdades que atravessam o envelhecimento em favelas e outros espaços periféricos. Reconhecendo a singularidade dessas realidades, é importante considerar também os limites e alcances do estudo.

A investigação concentrou-se em dois territórios do Rio de Janeiro, com base em uma abordagem qualitativa ancorada em entrevistas e observações de campo, o que implica em limitações contextuais e não permite generalizações diretas das análises para outros contextos, ou a existência de uma amostra suficiente para expansão das experiências. Ainda assim, as análises construídas oferecem caminhos metodológicos e contribuições relevantes para a compreensão das múltiplas e densas dimensões do envelhecimento em territórios marcados por desigualdades socioespaciais.

Pesquisas futuras poderão aprofundar essa agenda analítica ao incorporar métodos quantitativos, ampliar o espectro de realidades territoriais investigadas e adensar a perspectiva interseccional, especialmente no que se refere às articulações entre gênero, raça, classe, deficiência e velhice.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre o envelhecimento em territórios populares e estigmatizados, como as favelas brasileiras, exige atenção à complexidade das relações sociais, espaciais, políticas e afetivas que os constituem. Esses espaços não se resumem à vulnerabilidade: também são territórios de vínculos, histórias diversas e resistências cotidianas. Os idosos que ali vivem enfrentam desafios relacionados à infraestrutura urbana e ao estigma territorial, mas constroem estratégias que ressignificam o envelhecer e reafirmam seus laços com o lugar.

Longe de serem apenas espaços de carência, as favelas abrigam formas singulares de viver e conviver. Diante da ausência ou fragilidade das políticas públicas, emergem soluções locais sustentadas por saberes partilhados e redes de solidariedade. Mutirões para reformas, apoio entre vizinhos e práticas comunitárias de cuidado ilustram o potencial dessas iniciativas na construção de um cotidiano mais habitável e digno para os idosos.

Nos contextos investigados, o envelhecimento está profundamente relacionado às condições físicas e sociais do território. Escadarias, passagens estreitas e de difícil acesso, além do transporte deficiente, limitam a mobilidade e a participação social, impactando diretamente a qualidade de vida. Esses obstáculos evidenciam a necessidade de políticas públicas sensíveis às especificidades territoriais, que considerem também os vínculos afetivos e simbólicos com o lugar.

A casa, nesses contextos, ultrapassa a função de abrigo: torna-se espaço de memória e pertencimento. Muitas vezes, esse apego dificulta a saída para locais mais acessíveis, apontando para a importância de intervenções que respeitem os laços estabelecidos. A circulação cotidiana está diretamente relacionada à autonomia, ao acesso à cidade e à preservação das relações sociais, sendo frequentemente garantida por estratégias locais criativas e colaborativas.

As experiências vividas no Jacarezinho e na Providência evidenciam diferenças relevantes na morfologia urbana, na oferta de serviços e na atuação de redes institucionais. Enquanto o Jacarezinho apresenta maior densidade e presença de equipamentos públicos, a Providência enfrenta desafios mais intensos devido ao relevo e à escassez de estabelecimentos de saúde e de ensino no território. Essas diferenças reforçam a importância de considerar as particularidades territoriais na formulação de respostas estatais.

Entre as propostas levantadas pelos interlocutores, destacam-se melhorias na infraestrutura - como rampas e corrimãos -, fortalecimento do transporte coletivo e ampliação de atividades de convivência. Oficinas, rodas de conversa e práticas corporais foram apontadas como fundamentais para o bem-estar e o fortalecimento de vínculos intergeracionais.

A inclusão da população idosa no planejamento urbano requer o reconhecimento de suas trajetórias, experiências e necessidades. O envelhecimento, acelerado em favelas, exige olhar atento tanto às dimensões materiais - moradia, serviços, mobilidade - quanto às subjetivas - afetos, memórias e pertencimentos. Esta pesquisa demonstrou que, apesar da precariedade dos serviços públicos, os sujeitos mobilizam recursos locais para enfrentar as adversidades, fazendo da mobilidade um gesto também político, de permanência e de reivindicação do direito à cidade.

Envelhecer nesses contextos implica negociação constante com os limites impostos pelo território e reinvenção de formas de viver. Os idosos seguem atuantes nas dinâmicas comunitárias, compartilhando saberes, experiências e cuidado. Essa presença, entretanto, não exime o Estado de sua responsabilidade em garantir condições mais equitativas de vida.

A construção de políticas públicas voltadas ao envelhecimento em territórios populares deve considerar as desigualdades que atravessam essas trajetórias. Medidas pontuais são necessárias, mas insuficientes diante das estruturas que perpetuam exclusões. São urgentes estratégias integradas, construídas em diálogo com as comunidades e a partir da valorização dos saberes locais.

Em síntese, envelhecer em favelas e comunidades periféricas é uma experiência social e territorial profundamente relacional. Os idosos não apenas resistem às adversidades, mas constroem sentidos, vínculos e práticas que desafiam leituras estigmatizantes. Ao tornar visíveis essas trajetórias, esta pesquisa busca contribuir para o reconhecimento, a dignidade e o direito de envelhecer nos territórios onde a vida acontece.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, S. Silva, S. L. P. Pinto, D. S. Fala Fallet: As memórias de um grupo de idosos de uma favela em Santa Teresa, Rio de Janeiro. *Cidades, Comunidades e Territórios*, 30 (Jun/2015): 91-102.
- BEAUD, S.; WEBER, F. *Guia para a pesquisa de campo*. Editora Vozes, Petrópolis, 2007. (Tradução de Sérgio Joaquim de Almeida).
- BEAUVOIR, S. *A velhice - a realidade incômoda*. Trad. Heloysa de Lima Dantas. 2 ed. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1976, v. 1.
- BOSI, E. *Memória e sociedade*. Lembrança de velhos. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- BUENO, L. B. *A favela (para)militarizada: território contido e impacto da violência armada na saúde, na educação e no cotidiano de moradores de Manguinhos, Jacarezinho e Maré*. 2018. Tese (Planejamento Urbano e Regional) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- CAMPELO E PAIVA, S. O. *Envelhecimento, saúde e trabalho no tempo do capital*. São Paulo: Cortez, 2014. 304 p.
- CAMPELO e PAIVA, S de O.; SOARES, R. C.; BENEDITO, J.; C. NÁIADE., M.; CAVALCANTE, P. F. Desigualdade, Envelhecimento e Saúde no tempo de Contrarreformas. *Revista Kairós Gerontologia*, v. 24, p. 65-82. 2021.
- CAVALCANTI, M. Do barraco à casa. Tempo, espaço e valor(es) em uma favela consolidada. *REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - VOL. 24 No 70 69*, p. 69-78, 2009.
- CREENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Estudos Feministas*. Ano 10 – 1º semestre, 2002.
- GIANNELLA, L. DE C.; SOARES, J. DE S.; FRANCO, C. DE O. O poder do ato de nomear: o compromisso do IBGE diante das favelas e comunidades urbanas brasileiras. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 29, n. 11, p. e04232024, 2024.
- GUPTA, A.; FERGUSON, J. Mais além da Cultura: espaço, identidade e Política da Diferença. In A. ARANTES, (Org.): *O Espaço da Diferença*, São Paulo: Papiurus, pp. 30-49, 2000.

HALBWACHS, Maurice. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Edição eletrônica realizada por Jean-Marie Tremblay a partir da primeira edição de 1925 (Paris: Librairie Félix Alcan). Disponível em: http://classiques.uqac.ca/classiques/Halbwachs_maurice/cadres_soc_memoire/cadres_soc_memoire.html. Acesso em 05/11/2025.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu* (5) 1995: pp. 07-41.

IBGE. Censo Demográfico 2022. Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2024.

IBGE. *Favelas e Comunidades Urbanas: Primeiros Resultados*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2024. Disponível em <https://www.pns.icict.fiocruz.br/volumes-ibge/>. Acesso em 31/01/2025.

LAWS, G. Oppression, Knowledge and the Built Environment. *Political Geography – POLIT GEOGR.* 13. 7-32. 1994.

LEFEVBRE, H. *La production de l'espace*, Paris, Ed anthropos, 1974. DOI : [10.3406/homso.1974.1855](https://doi.org/10.3406/homso.1974.1855)

MASSEY, D. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 312 p.

SCHWANEN, T. HARDILL, I. LUCAS, S. Spatialities of ageing: The co-construction and co-evolution of old age and space. *Geoforum*, (43), 2012. 1291 – 1295.

SILVA, A. Aging from the perspective of racism and other forms of discrimination: influences of institutional and structural determinants on the lives of older adults. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, v. 22, p. 1-2, 2019.

TEIXEIRA, S. M. Envelhecimento, família e políticas públicas: em cena a organização social do cuidado. São Paulo, SP: *Serviço Social e Sociedade*, 137, 135-154, 2020.

SOUZA, M. L. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (org.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 77-116.

SOUZA, R. F.; MATIAS, H. A.; BRÊTAS, A. C. P. Reflexões sobre envelhecimento e trabalho. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 6, p. 2.835-2.843, 2010.

VALLADARES, L. P. *A invenção da favela: do mito de origem à favela*. Rio de Janeiro; FGV; 2005. 204 p.